

EMMANUEL DE MARTONE

1 de abril de 1873 – 25 de julho de 1955

Em 25 de julho de 1933, no decorrer de memorável sessão conjunta da Academia Brasileira de Ciências, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade Brasileira de Geografia, o biogeógrafo patricio ALBERTO J SAMPAIO traçou o perfil de um grande cientista e emérito professor, a quem então saudava oficialmente, em nome das três instituições. A EMMANUEL DE MARTONNE se conferia, na ocasião, o diploma de membro correspondente da Academia Brasileira de Ciências e de membro honorário da Sociedade Brasileira de Geografia. Agora, no fecho de um ano em que o mundo científico tem a lamentar a perda de um de seus maiores vultos, é justo que seja novamente evocada entre nós a obra fecunda daquele expoente da ciência geográfica francesa.

Não terei tempo para lembrar senão alguns pontos da luminosa trajetória que haveria de percorrer aquêlle jovem que, em 1892, estudava na Escola Normal Superior, o mesmo Agrégé de História e Geografia de 1895 Licenciado em Ciências e Letras, doutor em Ciências, como também em Letras, EMMANUEL DE MARTONNE seria, sucessivamente, professor da Faculdade de Letras de Rennes, de Lyon e de Paris (para onde foi nomeado em 1909). Ao cargo de professor da Escola Prática de Altos Estudos, acrescentaria, a partir de 1927, o de diretor do Instituto de Geografia da Sorbonne.

Paralelamente ao exercício do magistério, ia-se desdobrando uma fecunda atividade de pesquisador. Não tenho conta dos artigos saídos da pena de E DE MARTONNE a começar de 1896, quando publicou o seu primeiro trabalho nos Annales de Géographie. Sei que, há muitos anos, tinham passado a casa dos cem. E note-se que eram escritos substanciosos, enxutos, sem repetições e recheios, trabalhos que não se escreviam para engrossar qualquer lista bibliográfica, mas para divulgar contribuições novas. De sua bagagem, podem destacar-se talvez os seguintes livros:

La Valachie (1902), ensaio de monografia geográfica;

Traité de Géographie Physique, 3 vols em sucessivas edições (a partir de 1909), com a colaboração de CHEVALIER e CUENOT na parte referente à Biogeografia;

Les Régions Géographiques de la France;

Abregé de Géographie Physique (primeira edição, 1922);

Les Alpes (1926);

L'Europe Centrale, 2 vols (1930-1931);

Géographie Physique de France (1942); e

Géographie Aérienne (1948).

Sobressai ainda o fato de ter sido da lavra de EMMANUEL DE MARTONNE a primeira carta morfológica relativa a um país inteiro. Foi desenhada na escala de 1 : 1 000 000, como parte integrante do magnífico Atlas de France, obra de quase 90 fôlhas e cerca de 200 mapas, que E DE MARTONNE, associado ao igualmente eminente geólogo E DE MARGERIE, completaria em 1943. Aliás, a primeira tentativa de estabelecer a cartografia morfológica em plano mundial, foi efetuada pela "Comissão para a Cartografia das Superfícies de Erosão", criada no Congresso Internacional de Geografia de Paris em 1931 e patrocinada pela União Geográfica Internacional. A iniciativa partiu de EMMANUEL DE MARTONNE, que presidiria essa Comissão da U G I durante duas décadas.

A simples descrição de carreira universitária, embora notável, e a enumeração de bagagem científica, embora vultosa e rica, não bastariam, entretanto, para dar a medida da influência que teve de MARTONNE sobre o desenvolvimento do campo científico a que deu o melhor de seu esfôrço.

É da própria natureza do homem considerar como estáveis e, quase diria, inevitáveis, as coisas que o cercam. Talvez por isso, os geógrafos desta geração nem sempre se dêem conta de que muitas instituições das que integram sua vida profissional, foram criadas ou tiveram sua continuidade assegurada pelo esfôrço de EMMANUEL DE MARTONNE.

Assim foi êle quem, em 1905, instituiu a "Excursão Anual Interuniversitária", a que, durante quase meio século, continuou a orientar. É um sistema pelo qual cada uma das universidades francesas, em rodizio, constitui o ponto de partida para trabalhos de campo na região onde está sediada; dêsses trabalhos participam, durante uma semana, os corpos docentes de cada departamento de geografia, que se fazem acompanhar de seus estudantes avançados. Não se pode exagerar o valor dessa periódica revisão e discussão a que os geógrafos franceses se entregam, debruçados sobre o terreno.

Foi ainda DE MARTONNE quem fundou a Association de Géographes Français em 1915, com o objetivo de criar um foco de vida científica, fortalecer os laços entre os geógrafos, prolongar a ação das cátedras universitárias e vitalizar o ensino da Geografia.

EMMANUEL DE MARTONNE permaneceu até sua morte como um dos co-diretores dos Annales de Géographie, notável publicação bimestral, que vem a lume sob os auspícios do Centre National de la Recherche Scientifique.

Seja lembrada ainda a Bibliographie Géographique Annuelle, que se originou em 1891, como parte dos Annales de Géographie. Tendo sofrido uma interrupção durante a guerra de 1914-1918, foi ressuscitada por ELICIO COLIN e EMMANUEL DE MARTONNE,

quando este fundou a Association de Géographes Français. Desde 1931, a Bibliographie Géographique Internationale, atualmente publicada sob a égide da U G I e da UNESCO, representa a principal publicação desta natureza em todo o mundo

Depois de ter servido longamente à União Geográfica Internacional como secretário-Geral, exerceu DE MARTONNE a presidência desta organização durante dez anos. E ninguém terá feito mais para garantir a sobrevivência da instituição no decurso da segunda conflagração mundial e para renovar as suas atividades nos anos de após guerra. Nessa fase de dificuldades e atribulações sem precedentes, a U G I ficou a dever a sua própria existência a EMMANUEL DE MARTONNE.

Não admira, pois, que durante muitos anos EMMANUEL DE MARTONNE tivesse sido, aos olhos de seus patriotas, como aos dos estrangeiros, a personalidade mais representativa da escola francesa. Não desmereceria, na liderança dessa escola, a tradição deixada por seu mestre (e sógro) VIDAL DE LA BLACHE, geralmente tido como o fundador da moderna geografia científica na França. Reconhecia, da mesma forma que LA BLACHE, ser a geografia uma ponte, com um encontro nas ciências naturais, e outro nas ciências do homem. O que a geografia pode trazer para o tesouro comum, em troca da contribuição que recebe das outras ciências, havia proclamado LA BLACHE, é a aptidão de não separar o que a natureza reúne, a compreender a correspondência e a correlação dos fatos. Assim o entendeu também DE MARTONNE, que com VIDAL DE LA BLACHE e GALLOIS, seria um dos principais inspiradores de um grande número de monografias regionais. Os homens que, em França, haviam feito surgir a moderna escola geográfica eram marcados por uma nítida formação histórica. Talvez a isso mesmo se deve a qualidade inconfundível das sínteses regionais que produziria essa verdadeira equipe de trabalhadores animados de um mesmo espírito. A penetrante análise científica, por um lado, se alia, por outro, um límpido estilo literário. Na França, a Geografia faz ciência, mas permaneceu uma arte. Sua literatura é algo de belo, não um conjunto hermético de jargão técnico.

Mas, DE MARTONNE, ao mesmo tempo que consolidava a brilhante tradição da escola francesa, soube trazer-lhe contribuição própria.

Na ocasião em que começava a manifestar-se a influência poderosa do ainda jovem cientista, o estudo das formas do relevo ostentava magnífico florescimento nos Estados Unidos da América. Nesse país, os nomes mais ilustres no campo da geografia (ou no das ciências a ela aliadas) eram os de geomorfólogos como GILBERT, POWELL, DAVIS. As pesquisas morfológicas ocupavam um lugar de absoluta primazia nas publicações dos geógrafos americanos. É verdade que, em compensação, eram pouco conhecidas as monografias regionais do tipo da escola francesa.

Na Alemanha, no albor do século, a ciência geográfica era marcada pela atuação de VON RICHTHOFEN e RATZEL, ambos chegados à geografia pelo caminho das ciências físicas. RICHTHOFEN, pela geologia; RATZEL, por uma combinação de geologia, zoologia e anatomia comparada.

Compreende-se, à luz das origens da geografia francesa, que o desenvolvimento dos estudos fisiográficos tivesse sido mais lento na pátria de E. DE MARTONNE. Sem renegar aquelas "qualidades literárias que permitem a composição de verdadeiros quadros de geografia regional", DE MARTONNE foi o primeiro geógrafo que, na realidade, se concentrou na geografia física. Ainda ao tempo em que era chefe do Departamento de Geografia da Universidade de Lyon, produziu uma das obras fundamentais para a geografia do mundo inteiro, seu Tratado de Geografia Física, clássico que tem sido traduzido em várias línguas. Quando, então, sucedeu a GALLOIS como diretor do Institut de Géographie da Sorbonne, conseguiu que o valor de sua especialidade fosse por todos reconhecido. Durante mais de 20 anos trouxe um novo ponto de vista aos trabalhos do Instituto parisiense — onde seus antecessores imediatos se haviam interessado sobretudo pela geografia regional e pela geografia humana.

Embora há quatro anos EMMANUEL DE MARTONNE, com a saúde duramente atingida, tivesse deixado de participar efetivamente dos trabalhos e das reuniões dos geógrafos, sua influência persistiu através de seus discípulos, que hoje ocupam as cátedras de geografia das principais faculdades da França. Nem cessavam, com seu impedimento, os justos tributos a sua inteligência e a seu dinamismo. Assim, a Sociedade de Geografia de Paris, que, em 1946, o havia elevado à presidência e daí à presidência de honra vitalícia, voltaria a homenageá-lo precisamente um mês antes de seu falecimento. Era-lhe concedida a grande medalha de ouro, a título excepcional, da Sociedade, instituição cujo passado representa uma parte do patrimônio cultural da França, vale dizer do mundo civilizado.

E a atuação de EMMANUEL DE MARTONNE teve mesmo um sentido nitidamente ecumênico. Além da grande disseminação de sua palavra escrita, destacando-se pela influência que teve na formação dos novos geógrafos o já citado Tratado de Geografia Física, realizou DE MARTONNE repetidas viagens ao estrangeiro, aí ministrando cursos e proferindo conferências. Entre os países visitados, lembra-me a România, a Iugoslávia, a Alemanha, o Marroco, o Egito, os Estados Unidos, o México, a Argentina, o Chile e a Bolívia.

Aqui no Brasil, o tivemos por duas vezes. Interessou-se vivamente por alguns problemas específicos de geografia brasileira, conforme já patenteou a conferência proferida na sessão de 1933. Tal interesse certamente decidiu-o a voltar em 1937 quando convidado pela Universidade de São Paulo. No segundo semestre desse ano, ministrou um curso e fez conferências sobre geografia física na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Como decorrência de excursões realizadas no ensino de sua segunda e mais demorada visita ao Brasil, quando percorreu os estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e o litoral até a Bahia, ficaram os geógrafos brasileiros a dever-lhe, além de outros estudos de menor fôlego, interessante ensaio sobre "Problemas Morfológicos do Brasil Tropical Atlântico".



Mas talvez o maior serviço que nos prestou DE MARTONNE foi no sentido de promover a integração do Brasil na comunidade geográfica internacional

Já no Congresso Internacional de Geografia de Paris, em 1931, foi DE MARTONNE quem propôs ao respectivo Comitê Executivo fosse conferida ao Brasil, na pessoa de A J SAMPAIO, a vice-presidência da Secção de Biogeografia

Quando aqui esteve em 1933, fez-se intérprete de uma mensagem especial da União Geográfica Internacional, de que era então secretário-geral, externando o desejo de ver figurar o Brasil entre as nações que aderiam à referida organização

A U G I fôra criada em Paris no primeiro pós-guerra, sob o patrocínio do Conselho Internacional de Pesquisas, hoje conhecido pela designação de Conselho Internacional de União Científicas Participaram de sua fundação delegados da Bélgica, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão, Portugal e Espanha, a ela vindo agregar-se posteriormente, organizações geográficas representativas de cerca de quarenta países

Previo DE MARTONNE que a obra dos investigadores brasileiros seria mais fecunda, no dia em que um órgão nacional de geografia pudesse coordená-la em um espírito geográfico, pondo-se em contacto com organizações análogas, por intermédio da União Geográfica Internacional Os proventos, ensinava a experiência, seriam grandes para a ciência em geral, mas também para este país, "tão cheio de seiva e de possibilidade de desenvolvimento", na expressão do ilustre visitante, que assim insistia em seu convite:

"Alimento a esperança de regressar ao meu país, com a grata notícia da adesão do Brasil à União Geográfica Internacional, em cujos trabalhos, muito desejamos ver figurar a valiosa cooperação dos eminentes colegas brasileiros

"O valor dessa cooperação se evidencia desde logo do duplo fato de vossa alta cultura e brilhante operosidade em trabalhos geográficos, bem como da variada riqueza de temas geográficos de vosso extenso país, cujo futuro econômico é o melhor possível, se considerarmos as riquezas naturais do país, suas inúmeras quedas d'água, etc"

A Academia Brasileira de Ciências, tomando na devida consideração as palavras aqui proferidas, resolveu tomar a iniciativa de propor às instituições e aos profissionais brasileiros, interessados no progresso dos estudos geográficos, a criação de um Comitê Nacional de Geografia, sob os auspícios da Academia

O "Comitê" brasileiro seria, pois, um órgão não-governamental Desde logo se lhe delinearam dois objetivos, por assim dizer, complementares A organização funcionaria, por um lado, como elemento de ligação junto à União Geográfica Internacional, e, por outro, se propunha a responder a consultas e a facilitar a seus membros trabalhos cartográficos, fotográficos e outros a seu alcance

Reconhecido o papel fundamental da investigação geográfica na valorização de um país jovem e mal conhecido, como o Brasil, pronto se verificou que as atividades de âmbito nacional do novo órgão deveriam ser de tal monta que o seu financiamento exigiria recursos incomparavelmente superiores aos que pudessem ser reunidos pela entidade privada proejtada pela Academia Chegou-se à conclusão de que o governo se deveria encarregar do assunto, criando um órgão oficial de geografia E assim, a 24 de março de 1937, o decreto 1 527 instituiu o Conselho Brasileiro de Geografia (incorporado ao Instituto Nacional de Estatística), autorizava a sua adesão à U G I e dava outras providências correlatas

Segundo o artigo 1º do referido decreto, o Conselho se destinaria "a reunir e coordenar os estudos sobre a Geografia do Brasil e a promover a articulação dos serviços oficiais, instituições particulares e dos profissionais que se ocupem de Geografia do Brasil, no sentido de ativar uma cooperação geral para um conhecimento melhor e sistematizado do território pátrio"

Todos sabem o vigoroso surto que vem manifestando a ciência geográfica brasileira nestes últimos lustros, a ninguém sendo lícito desconhecer o papel relevante que teve o Conselho Nacional de Geografia, nesse desenvolvimento

Mas, embora o decreto de 1937 autorizasse ao Conselho Brasileiro de Geografia a aderir à União Geográfica Internacional, somente em 1953, a estrutura geográfica brasileira atingiria a sua plenitude, ficando a adesão do Brasil definitivamente regularizada E que os estatutos da U G I prevêem, em cada país-membro, a constituição de uma Comissão Nacional, entidade não-governamental, onde possam ser representadas, em amplas bases nacionais, os principais núcleos geográficos do país Foi precisamente esta Comissão, criada por iniciativa da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, que começou a funcionar há dois anos Quando a instalação da Comissão Nacional do Brasil da União Geográfica Internacional é saudada como "um marco a assinalar nova intensificação dos estudos geográficos no Brasil sob o influxo maior, mais direto e mais constante dos grandes mestres e dos grandes institutos científicos estrangeiros", é-nos grato lembrar que a semente da instituição foi lançada pelo homem cuja memória hoje reverenciamos

Para terminar, permito-me recordar as palavras que proferiu o chefe da delegação britânica ao propor à XVII Assembléia Geral da U G I, reunida em Lisboa em 1949, fossem conferidos a EMMANUEL DE MARTONNE o título e o status de presidente honorário vitalício A resolução, reconhecia seu proponente, não tinha precedente Jamais houvera um presidente honorário da União Geográfica Internacional "Mas, acrescentava, se a proposta não tem precedente, o mesmo se pode dizer do homem Nunca houve outro MARTONNE"

Entre os vários motivos que o referido delegado apresentou ao fundamentar sua proposta, um há que também justifica a publicação do presente comentário:

"Para que possamos exprimir de forma duradoura o respeito e a estima que nos inspirou EMMANUEL DE MARTONNE e o nosso reconhecimento pela inteligência e a operosidade que o fizeram o primeiro geógrafo do mundo — le doyen des géographes du monde entier"

HILGARD O'REILLY STERNBERG